



PALAVRA VIVIDA E CELEBRADA

Lucia Weiler (IDP)

A Palavra torna-se Vida e a Vida torna-se Palavra. O reconhecimento destes dois movimentos da Palavra – Vida e da Vida – Palavra se dá através do gesto, ou seja da prática. E a palavra vivida, praticada, celebrada através de gestos concretos produz novo sentido para a vida no dia a dia, sobretudo nos vários níveis das relações.

“A Palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12a). É Palavra viva porque é palavra do Deus da Vida, do Deus Criador, do Deus de Jesus Cristo. É Palavra viva porque produz vida, dá sentido e sustento à vida. É palavra viva porque mesmo passando os séculos continua sendo atual, continua viva e eficaz no meio do povo. E é Palavra viva e eficaz igual à chuva que cai e não retorna sem produzir seus efeitos, sem dar frutos que permanecem (Is 55,10-11). E como diz o canto: “É como a chuva que lava, é como o fogo que arrasa, tua Palavra é assim, não passa por mim sem deixar um sinal” O efeito da Palavra de Deus é sempre gerar vida, tecer relações de amor, de irmandade, de aliança. Palavra que **“é mais penetrante que qualquer espada de dois gumes”** (Hb 4,12b). Penetra todo o nosso ser, todas as dimensões da vida, da sociedade. E como diz a canção: “quando a Bíblia (*a Palavra*) e a vida se encontram o povo começa a andar em rumo da liberdade que faz a história mudar”!

Nesta breve reflexão gostaria de seguir um itinerário que nos ajude a re-situar e re-ler a relação vital entre a Palavra de Deus e as diferentes formas de Celebração da Palavra, na vida em todas as suas dimensões: pessoal, comunitária, cósmica, através de gestos e práticas concretas. O itinerário escolhido contempla dois marcos iniciais e dez estacas ou indicadores de momentos celebrativos da caminhada do povo de Deus. Oxalá nos ajude a encontrar pistas para a vivência e a celebração da Palavra de Deus hoje!

1. Dois marcos celebrativos: Criação e Libertação

1.1 A Criação como sinfonia de abertura de toda celebração: do caos à vida

A porta de entrada na Bíblia descreve uma das celebrações mais lindas e poéticas tanto pela exuberância de seu conteúdo quanto pela sua cadência rítmica. É um hino à vida gerada pela Palavra de Deus. É o próprio Deus celebrando a vida gerada pela sua Palavra-Projeto-Ação.

Este relato da criação (Gn 1, 1- 2,4 a) , embora seja o primeiro na Bíblia, foi escrito depois de Gn 2 4b – 25, que se originou no tempo do Exílio na Babilônia. O Contexto no qual surgiu Gênesis 1, 1-2,4a remonta para o tempo da reforma de Esdras e Neemias, quando o povo já havia retornado do Exílio e quer reorganizar o culto. Por isso a insistência nos 6 dias da criação e o descanso de Deus no sétimo dia. No contexto celebrativo litúrgico atual esta palavra se encontra conosco todos os anos, na vigília pascal.

É o Gênesis relido como fonte de toda vida que brota da bondade de Deus. E é o próprio Deus autor da Palavra geradora de vida que celebra a beleza da criação. Este canto celebrativo da vida em todas as suas formas é composto de seis estrofes ritmadas que começam com um reconhecimento do autor da Palavra: Deus disse e começou a existir, começou a ter vida, ou ainda e assim se fez (Gn 1, 3.6.9.11.14. 20. 24. 26. 29). O dizer de Deus, isto é sua Palavra, pode ser identificada com a sua ação: Deus fez... e assim se fez (Gn 1, 7), ou ainda com a criação: Deus criou (Gn 1,21).

Ao final de cada dia, ou até duas vezes ao dia, mais um refrão rítmico revela e testemunha o olhar contemplativo, integrador, bondoso e celebrativo de Deus. Assim lemos no primeiro dia da Criação: “ E Deus viu que a luz era boa” (Gn 1,4)! No terceiro dia da criação o refrão sobre olhar contemplativo- celebrativo de Deus aparece duas vezes. No início, quando da separação entre “terra” do “mar”: “ E Deus viu que era bom”(Gn 1, 10)! E no final quando Deus contempla a fecundidade da terra e a biodiversidade das sementes volta o refrão “ E Deus viu que era bom” (Gn 1, 12)! Segue o mesmo refrão para o quarto dia (Gn 1, 18), para o quinto dia (Gn 1, 21). No sexto dia o refrão reaparece com duas variantes: “ Deus viu que era bom” (Gn 1,25)! E no final do mesmo dia, depois de criar a pessoa humana à sua imagem e semelhança, conferindo-lhe o poder de cuidar da criação o refrão recebe um tom superlativo: “ E Deus viu tudo o que havia feito e tudo era muito bom” (Gn 1, 31)!

E a partir daí a estrofe final retoma toda obra da criação em termos absolutos: “ No sétimo dia Deus terminou todo seu trabalho; e no sétimo dia, ele descansou de todo seu trabalho. Deus então abençoou e santificou o sétimo dia, porque foi nesse dia que Deus descansou de todo seu trabalho como criador(Gn 2, 2-3).

Mais adiante na literatura joanina essa atitude sabática é relida, não como ausência de trabalho, mas como libertação do próprio sábado, de todo e qualquer legalismo: “Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho” (Jo 5, 17).

A Criação celebra a vida que é palavra, como a palavra que é vida, gerada como de um parto do seio fecundo de Deus. Muitos textos celebrativos constam na Bíblia como releitura deste evento. Era preciso salvaguardar e anunciar a beleza da Criação. E a melhor maneira de fazê-lo era a celebração familiar e litúrgica como memória cantada e contada de geração em geração:

*“O que nós ouvimos e conhecemos,
o que nos contaram nossos pais,
não o esconderemos a seus filhos,
nós o contaremos às gerações seguintes”* (Salmo 78,3-4).

Belíssimas releituras da Criação, em tom celebrativo, encontramos também nos escritos sapienciais. Em Jó 38 encontramos um diálogo provocativo e contemplativo de um homem em extremo sofrimento, com o Deus da vida, diante da exuberância da Criação. Uma celebração contemplativa e dialogal. Da mesma forma o Eclesiástico coloca diante de nós um Deus que esbanja vida e amor através da criação e “nos dá como herança a lei da vida” (Cf. Eclo 16, 24 – 17,12).

A sabedoria nos ensina uma nova espiritualidade: o ritmo da natureza é o ritmo das mãos de Deus. Somos convidados e convidadas a abrir nosso coração para entrar no compasso deste ritmo, descobrir na criação o lugar da revelação de Deus e entrar em profunda comunhão e sintonia com Ele. Uma das expressões mais bonitas da Bíblia encontra-se no livro da Sabedoria: “Deus é amigo da Vida” (Sb 11, 26)! É do amor entranhado e misericordioso do nosso Deus que a vida surge, ela é seu dom, sua expressão e sua imagem, na riqueza única e na diversidade de toda criação.

Por fim no Prólogo do quarto Evangelho, considerada uma sinfonia de abertura ao Evangelho, encontramos uma releitura litúrgica festiva do projeto criador de Vida como dom de Deus que culmina na encarnação do Filho Amado. Convida-nos para uma celebração permanente da Palavra, *Dabar*, que é a própria Vida de Deus e o Deus da Vida morando entre nós (cf. Jo 1,14). Por isso o objetivo primeiro da Palavra vivida e celebrada é chegar a convicção de fé, ou seja, à certeza existencial: “Ele está no meio de nós!”

1.2 A força memorial do cântico de libertação de Miriam: da escravidão à libertação

O mesmo Deus Criador, que contemplou a obra de sua criação e viu que tudo era bom, vê também a miséria e o sofrimento, de seu povo, causado pela opressão, exploração e escravidão imposta pelo faraó do Egito: “Eu vi o sofrimento do meu povo... por isso desci a fim de libertá-lo...” Deus não fica indiferente. Deus se engaja para libertar o povo da injustiça e da opressão.

Deus Libertador que se revela no Êxodo é um Deus diferente dos ídolos. É um Deus que escuta o grito, muitas vezes silencioso, do povo oprimido. É um Deus que desce ao encontro do ser humano que grita. É um Deus que liberta porque ouve os clamores. A novidade da fé no Deus da Bíblia não está na dor que faz gritar, mas na certeza de que Deus ouve o clamor e desce para libertar. É como diz um salmo; “Para Deus a minha voz: eu grito! Para Deus a minha voz: Ele me ouve!” (Sl 77,2).

Segundo o profeta Zacarias quem oprime o povo fere, machuca a pupila dos olhos de Deus: “Pois assim diz o Senhor dos exércitos, cuja glória me enviou às nações que vos roubaram: Quem toca em vós está tocando na pupila dos meus olhos!” (Zc 2,12).)

Uma questão fundamental, inspirada na Bíblia, é pois, discernir se a celebração é um gesto de adoração ao Deus da Vida, ou é um rito aos ídolos. Os ídolos tem boca e não falam e tem olhos e não Vêem, ouvidos e não ouvem...(Sl 115 / 113b).

A liberdade é cenário e atitude essencial para a celebração. Sair da escravidão é condição para a autêntica celebração o culto livre a Deus Libertador. Por isso vemos Moisés negociando com o Faraó. “Assim diz Javé: deixe meu povo partir para que me sirva” (Ex 8,16. 23-24; 9,1.13; 10,3.7-8).

Livre das amarras, o canto entoado por Miriam e atribuído a Moises (deve ter sido composto em mutirão) ajuda a marcar uma linha divisória entre o passado da escravidão e o futuro aberto da Terra Prometida. Assim, logo no início da travessia, depois da passagem pelo mar, Miriam puxa o cordão e juntam-se a ela todas as mulheres com pandeiros e danças entoam o hino da libertação a Javé: “*A profetisa Miriam, irmã de Aarão, pegou um tamborim e todas as mulheres a seguiram com tamborins, formando coros de dança. E Miriam entoava: ‘ Cantem a Javé pois sua vitória é sublime, Ele atirou no mar carros e cavalos.’*” (Ex 15, 21).

Este refrão é um dos textos mais antigos da Bíblia. As mulheres, acompanhadas por todo povo o sabiam de cor. A lembrança deste refrão trazia na memória o fato histórico da libertação do povo atribuída a Javé unindo a caminhada do povo de geração em geração. Por isso o cântico, foi ampliado e relido muitas vezes em contextos novos. Podemos fazer o mesmo hoje.

2. Dez estacas, indicadores da caminhada celebrativa do povo de Deus

A inspiração para esta segunda parte vem do profeta Jeremias que convida o povo a celebrar a volta do Exílio e hoje nos convida a entrar no mesmo caminho: “Põe marcos de

estrada, finca estacas para te orientar, presta atenção em tua estrada, no caminho por onde passas” (Jr 31,21).

2.1 Credo do povo de Deus: Memória histórica comprometida e atualizadora do Exodo (Dt 26)

Celebrar é memorial de um evento fundante, mas atualizado como compromisso de caminhada em vista do futuro. Assim encontramos como primeira estaca indicadora do caminho o conhecido credo do povo de Deus. No livro do Deuteronômio ele aparece tanto como celebração familiar (Dt 6, 20-25) e celebração litúrgica comunitária (Dt 26,11) como oração litúrgica na peregrinação da festa das tendas:

“Quando tiveres entrado na terra que o SENHOR teu Deus te dá por herança e dela tomares posse, estabelecendo-te aí, tomarás os primeiros frutos de tudo o que a terra produz, colhidos da terra que o SENHOR teu Deus te dá e, pondo-os numa cesta, irás ao lugar que o SENHOR teu Deus tiver escolhido para nele fazer morar seu nome. Irás apresentar-te ao sacerdote em exercício e lhe dirás: ‘Reconheço hoje diante do SENHOR meu Deus que entrei na terra que o SENHOR jurou a nossos pais que nos daria’. O sacerdote receberá de tua mão a cesta e a colocará diante do altar do SENHOR teu Deus.

Então declararás diante do SENHOR teu Deus: ‘Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito com um punhado de gente e ali viveu como estrangeiro. Mas ele tornou-se um povo grande, forte e numeroso. Então os egípcios nos maltrataram e oprimiram, impondo-nos uma dura escravidão. Clamamos então ao SENHOR, Deus de nossos pais, e o SENHOR ouviu nossa voz e viu nossa opressão, nossa fadiga e nossa angústia; o SENHOR nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido, no meio de grande pavor, com sinais e prodígios, e nos introduziu neste lugar, dando-nos esta terra, terra onde corre leite e mel.

Agora, pois, trago os primeiros frutos da terra que tu me deste, SENHOR’. E depois de depositar os frutos diante do SENHOR teu Deus e te prostrarás diante dele. Então te alegrarás com o levita e o estrangeiro que mora em teu meio por todos os bens que o SENHOR teu Deus te deu a ti e à tua família. “Quando tiveres acabado de separar o dízimo de todos os produtos do terceiro ano, que é o ano do dízimo, tu o colocarás à disposição do levita, do estrangeiro, do órfão e da viúva, para que comam à saciedade nas tuas cidades”. (Dt 26, 1-12).

Importante considerar aqui o caráter pedagógico da celebração. Ela nos ensina um modo de viver: oferecer a Deus as primícias da colheita, significa igualmente a gratuidade da partilha com os irmãos, e as irmãs, especialmente os mais pobres e excluídos do acesso aos bens necessários para viver.

2.2 Salmos: Povo de Deus a Caminho

Os Salmos foram e continuam sendo um dos melhores subsídios para a celebração do Povo de Deus a caminho. Além de fazer a memória da história de Deus com seu povo e do povo com seu Deus, apresentam uma dinâmica de espiritualidade celebrativa que não se esgota. Na Coleção “Tua Palavra é vida” lembrávamos que a Palavra vivida e celebrada deve manter sempre os dois pólos de tensão e complementação, representados pelo primeiro e pelo último salmo. O Salmo 1 coloca diante de nós a atitude de eficácia, luta, militância, o último salmo 150 fala da festa, da dança, da gratuidade, da louvação. Assim temos como que dois ganchos para embalar a rede da palavra vivida e celebrada. Por um lado o compromisso empenho e a militância. Por outro a Gratuidade o, Louvor, Glória. São como dois lados da

mesma medalha. (cf. Sabedoria e poesia do povo de Deus, Coleção Tua Palavra é Vida. São Paulo: CRB & Loyola, 1993. P. 52-57).

Estes dois pólos da mesma celebração orante repetem-se nos próprios salmos. Assim vemos por exemplo que o salmo 133 traz duas imagens ou dois símbolos para descrever a comunidade de irmãos e irmãs unidas. O óleo que representa o esforço e o empenho humano está em sintonia com a gratuidade de Deus que é como o orvalho que desce do Hermon como bênção e vida para sempre.

2.3 Leitura profética da história: Vida oprimida se eleva em clamor.

Exílio aparece aqui como paradigma do: obscurecimento da celebração, ou seja Oração em noite escura. O encontro com Deus se dá através de uma nova forma de rezar: o lamento. Essa oração surge para ajudar a atravessar a noite escura.

O **lamento** não tem nenhuma censura: aceita e verbaliza as contradições na experiência de Deus; é coragem de sair das seguranças estabelecidas; é fé que dá coragem e esperança de caminhar no escuro; o lamento nasce dentro da noite, “nos porões da humanidade”, mas vê a luz apontando na frente. (Lam 3.5) O lamento recorda, deixa os fatos entrarem, pois sabe que há alguém mais forte que está presente e diz: Coragem, não tenha medo!

2.4 Leitura sapiencial da história: Celebração na casa aberta da Sabedoria

No sentido bíblico temos várias passagens que alertam para a função ou o serviço da casa aberta, hospitaleira, acolhedora. Assim as palavras da Sabedoria propõem uma casa aberta, sem portas nem janelas, mas sustentada por sete colunas. Todas as pessoas têm acesso a esta casa. (Prov 9,1-6).

A Sabedoria construiu sua casa, talhando sete colunas. Abateu suas reses, misturou o vinho e preparou a mesa. Enviou as ministras para proclamarem, na fortaleza e nos pontos mais altos da cidade: “Se há um ingênuo, venha a mim!” Aos ignorantes ela diz: “Vinde comer do meu pão e beber do vinho que preparei para vós! Deixai a ingenuidade e vivereis! Segui os caminhos da sabedoria!”

Nesta mesma esteira podemos situar as casas como lugar de encontro/assembleia/celebração das primeiras comunidades cristãs (cf At 12,12ss.)

2.5 Cântico de Maria no encontro com Isabel (Lc 1, 39-56)

No Novo Testamento encontramos textos paradigmáticos para a mudança radical do culto da celebração, tanto com relação ao lugar, quanto às lideranças protagonistas da celebração, do culto. Uma leitura comparativa entre Zacarias sacerdote (no templo, centro do culto em Jerusalém) e Maria mulher leiga (na casa – na periferia de Nazaré). A disposição de Maria de servir, partilhar o mistério, e o encontro de profunda sintonia de vida entre duas mulheres grávidas que simbolicamente representam a passagem do velho no abraço com o novo.

A saudação de Isabel e a explosão do cântico de Maria são, sem sombra de dúvidas, uma das estacas mais expressivas de orientação à caminhada do povo de Deus.

Neste mesmo contexto podemos situar outros cânticos: Zacarias (Lc 1, 67-79) e Simeão e Ana (Lc 2, 25-40)

2.6 Da tentação à oração e missão: “ Eu te bendigo...porque te revelas aos pequenos e te escondes aos sábios e entendidos” (Lc 10,21-24).

Jesus, Deus encarnado na história humana, passou por todas as situações e se deixa conduzir pelo Espírito. Passa pelo rito do Batismo como porta de entrada para o messianismo(Lc 3, 21-22). O Espírito o leva para mais uma travessia no deserto. Ele vence as tentações com a Palavra de Deus (Lc 4, 1-13) e na força do Espírito vai para Nazaré, sua cidade natal, e participa da celebração sinagoga(Lc 4, 14ss.). Lê a Palavra do profeta Isaías (Is 61,1-2), fazendo dessa passagem o seu projeto de vida: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor”* (Lc 4, 18-19). Neste momento todos os participantes estão com os olhos fixos nele e não mais no livro. E Jesus começa dizer-lhes: Então, começou a dizer-lhes: *“Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir!”*(Lc 4,21). Como em toda celebração a Palavra por sua vez não apenas convoca, mas provoca e pede discernimento e compromisso, também aqui aparece o conflito e enquanto uns aderiram a seu projeto do Reino, outros o expulsaram da cidade e tramaram sua morte. Mas continua o texto: *“Jesus passando no meio deles, continuou seu caminho!”* (Lc 4, 30).

Esta liberdade de Jesus o torna fecundo na sua missão e comprometido cada vez mais com os pobres, os simples e pequenos. Quando os discípulos e as discípulas voltam para partilhar sobre o êxito de sua missão brota de seus lábios um louvor espontâneo a Deus: *Naquele mesma hora, ele exultou no Espírito Santo e disse: “Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado”*(Lc 10,21).

2.7 Celebrar o reencontro, a Reconciliação: Parábolas de Misericórdia

Não poderíamos deixar de lembrar outra estaca importante, ao considerarmos esta relação entre Palavra vivida e celebrada: a Reconciliação. Esta é condição para que uma celebração aconteça de fato em espírito e verdade. Assim nos alerta Mateus *“Portanto, quando estiveres levando a tua oferenda ao altar e ali te lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só então, vai apresentar a tua oferenda”* (Mt 5,23-24).

Textos paradigmáticos para enfatizar ainda mais esta orientação da Palavra são as, assim conhecidas, parábolas da Misericórdia, no coração do Evangelho de Lucas: a ovelha perdida (Lc 15, 1-7); a moeda perdida (Lc 15, 8-10); e o filho perdido (Lc 15, 11-32). No final das três Parábolas há uma convocação, uma assembléia ou reunião para celebrar a festa do encontro, num clima de alegria e relações novas. Esta é pois a finalidade de toda celebração: a vida reconciliada, a alegria na missão e o compromisso com os irmãos e as irmãs.

2.8 Celebração da despedida de Jesus: Nova Páscoa, memorial da entrega de Jesus

Seguindo a trajetória de Jesus conforme nos narra Paulo e os evangelhos, encontramos outro momento fundamental: a despedida de Jesus, celebrada em ambiente próximo, de entrega e compromisso com a comunidade. Os quatro evangelhos narram este momento em ligação direta com a Páscoa Judaica. Marcos inaugura o momento da ceia com a unção de Jesus por uma mulher, que usa o perfume mais precioso e assim estabelece uma lógica nova: a gratuidade. Contrapondo-se à lógica de acúmulo – desperdício, Jesus acolhe o gesto gratuito e profético desta mulher e proclama: *“Em verdade vos digo: onde for anunciado o Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também, em sua memória, o que ela fez”* (Mc 14,9).

Conforme Mateus este momento acontece na tradicional da Páscoa dos Judeus (cf 26,17-29), a festa dos pães ázimos. E Mt 26,30 informa que esta celebração era concluída com a oração de salmos. A exigência do seguimento de Jesus vai até o fim, abraçando a cruz com ele (cf. Mt 26,35). Igualmente Lucas (22, 1-26) traz o relato deste momento fundante da celebração litúrgica pascal como memória perigosa da paixão e morte de Jesus: “ Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

Paulo em 1 Cor 11, 20-34 avalia como estão as celebrações da ceia do corpo e do sangue de Jesus, nas primeiras comunidades. Alerta para a necessidade de partilha e salvaguardar o caráter do gesto simbólico, do mistério a ser celebrado.

No Evangelho de João encontramos uma longa narrativa, que vai do capítulo 13 até o 17, conhecido como livro da comunidade ou discurso de despedida. A celebração da ceia com o gesto do Lava-pés marca o início(Jo 13, 1-17) e a oração de despedida o final (Jo 17). A orientação é clara: Se compreendeis o gesto que fiz e o praticardes, sereis felizes (cf Jo 13,17). Assim toda celebração é graça e compromisso. Para ter parte com Jesus é preciso deixar que ele lave nossos pés, acolhendo seu messianismo de Servo. Mas não basta é preciso fazer o mesmo com os irmãos e as irmãs. Portanto, toda celebração, além da dimensão da graça, tem uma dimensão ética de compromisso prático.

2.9 A madrugada do novo dia, o primeiro da semana

Na manhã, ou na madrugada da Ressurreição, inicia um novo dia: o primeiro da semana. Significa uma ruptura com a antiga Páscoa para inaugurar uma nova Páscoa. A antiga aliança é relida como Nova Aliança através da Páscoa de Jesus, o Cordeiro de Deus.

As narrativas pascais revelam que aquelas e aqueles que reconhecem a presença nova de Jesus Ressuscitado continuarão proclamando: “ Ele está no meio de nós”! Algo que precisa passar pela experiência de ver e crer.

A caminhada de Emaús (Lc 24, 13-35), torna-se aqui um texto paradigmático para rever e interligar os vários passos e elementos que levam a uma celebração da Palavra que culmina no gesto de partilha. Não é a palavra que, por si só, abre os olhos, ainda que faça arder os corações. É o gesto da partilha, isto é a opção prática, que abre os olhos, renova as forças, encoraja para voltar e recriar a comunidade.

2.10 Palavra vivida e celebrada nas comunidades cristãs nascentes, geradas no Espírito

E chegamos a uma décima estaca do caminho da palavra que vai crescendo e gerando comunidades, como testemunha o livro dos Atos dos Apóstolos. Segundo Lucas, com uma permanente volta a Jerusalém, isto é, à memória pascal. Aqui a comunidade recriada recebe a força do Espírito que a transformará em testemunha:

“Depois da sua paixão, Jesus mostrou-se vivo a eles, com numerosas provas. Apareceu-lhes por um período de quarenta dias, falando do Reino de Deus. Ao tomar a refeição com eles, deu-lhes esta ordem: “Não vos afasteis de Jerusalém, mas esperai a realização da promessa do Pai, da qual me ouvistes falar, quando eu disse: ‘João batizou com água; vós, porém, dentro de poucos dias sereis batizados com o Espírito Santo’”. Então, os que estavam reunidos perguntaram a Jesus: “Senhor, é agora que vais restabelecer o Reino para Israel?” Jesus respondeu: “Não cabe a vós saber os tempos ou momentos que o Pai determinou com a sua autoridade. Mas recebereis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1, 3-8).

Podemos considerar que o grande desafio para a interação entre Palavra vivida e celebrada seja a de manter sempre o equilíbrio entre as quatro atitudes ou pilares da

comunidade cristã como testemunha o livro dos Atos dos Apóstolos: “*Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações*”.(At 2,42).

Conclusão

Os dois marcos e as dez estacas que nos orientaram nesta breve reflexão, que chamamos de itinerário, foram apenas alguns lampejos a partir da caminhada do povo bíblico. Oxalá possam ajudar-nos a caminhar com esperança e coragem místico-profética, nesta integração sempre crescente entre Palavra – Vida – Celebração.

É um caminho iniciado para ser continuado na vivência e a partir das experiências de cada uma e cada um pessoal e comunitariamente dentro da proposta deste congresso sobre a Pastoral Bíblica ou a Bíblia na pastoral.

“Hoje o SENHOR teu Deus te manda cumprir estas leis e decretos. Guarda-os e observa-os com todo o teu coração e com toda a tua alma. Tu escolheste hoje o SENHOR para ser o teu Deus, para seguires os seus caminhos, guardares suas leis, seus mandamentos e seus decretos, e para obedeceres à sua voz. E o SENHOR te escolheu, hoje, para que sejas para ele um povo particular, como te havia dito, a fim de guardares todos os seus mandamentos. (Dt 26 16-18).

Celebrar é acolher a renovação da Aliança de Deus conosco, e da nossa aliança com Deus. Em todas as celebrações de renovação da Aliança, consta a palavra “hoje”. E podemos continuar caminhando na certeza da promessa de Deus: *Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos*” (Mt 28,20).